

## ENTREVISTA

**IVANOVA NIETO NASPUTH**

*Por: Debora Cristina Lopez, Marcelo Kischinhevsky e Lena Benzecry*



“O rádio universitário é o meio mais adequado para estabelecer vínculo com as comunidades e é preciso entender que o rádio contemporâneo deve fazer parte dos debates atuais (desigualdades sociais, migrações, feminicídios, violência doméstica, mudanças climáticas causadas por modelos extrativistas, situação dos direitos humanos, acesso à tecnologia, etc.)”

### **O rádio universitário como motor dos debates sociais<sup>63</sup>**

O campo da radiodifusão universitária está em processo de consolidação. Parte do desafio reside nas ações de colaboração, na construção de redes, no trabalho coletivo orientado pelos desafios da sociedade. Ele tem sido encarado em múltiplas frentes: a pesquisa, a produção, a gestão. Atravessando essas frentes, surgem as redes de rádio, sejam regionais, nacionais ou internacionais, que permitem ao mesmo tempo compreender o local e compartilhar os enfrentamentos, buscando soluções conjuntas.

63. Tradução: Debora Cristina Lopez.

Nesta edição de **Radiofonias**, entrevistamos a presidenta da Radio Internacional Universitaria (RIU) – Red de Redes, Ivanova Nieto. Pesquisadora de movimentos culturais no rádio, a professora equatoriana tem larga trajetória no ensino e na produção sonora e pensa o rádio universitário em uma perspectiva social e decolonial.

**Radiofonias:** Recentemente, você assumiu a presidência da Radio Internacional Universitaria (RIU) – Red de Redes, entidade que congrega associações de rádios universitárias, especialmente na América Latina e na Europa. Como você vê o panorama da radiodifusão universitária hoje, na América Latina e no mundo?

**Ivanova Nieto:** As perspectivas para o rádio universitário são muito boas, muito positivas, mas com grandes desafios. No contexto da pandemia de Covid-19, demonstrou não só capacidade informativa com fontes comprovadas, mas também aprimorou sua capacidade criativa para produzir material científico, preventivo,

A pandemia trouxe-nos muitas lições, desde continuar a transmitir a partir de casa, entrevistar e dialogar através da tela através de várias plataformas, promover a divulgação científica, levar conhecimento para o cidadão comum; resgatar gêneros e formatos que deixamos de produzir como: dramatizações, documentários com paisagens sonoras originais; ouvir e contar histórias pessoais de nossos vizinhos, promover campanhas de prevenção à saúde, entre outros. A proximidade entre os membros das redes foi reforçada, foram

educacional, de entretenimento e de acompanhamento. Tudo isso fez com que o rádio universitário funcionasse com o apoio da rede. Diversas experiências de redes integradas à RIU demonstram isso com novos programas de produção conjunta entre várias redes, livros e publicações digitais contando as experiências das emissoras para enfrentar a situação em que a pandemia e a infodemia nos colocaram. A partir daí, nasceram novas produções, alianças, fóruns regionais e internacionais. A rádio universitária então, ganhou destaque dentro de cada sociedade, tornou-se um ator social confiável, com credibilidade, ética e compromisso com as pessoas.

organizados vários encontros, seminários ou workshops sobre vários temas. Apoiamos as causas sociais através da abertura de nossos microfones para debater e abordar a complexidade das questões. Juntando tudo, podemos dizer que o rádio, principalmente o universitário, tem se fortalecido apesar das adversidades.

**Radiofonias:** Do ponto de vista da RIU e da pesquisa de rádio universitária, como você vê o lugar da colaboração? E como a rede poderia ajudar a implementar esses processos colaborativos?

**Ivanova Nieto:** A colaboração é um eixo fundamental para a RIU na pesquisa em rádio, na investigação jornalística, nas produções conjuntas, nos novos desafios na formação dos nossos estudantes universitários, na formação dos nossos membros, nas nossas publicações como livros e artigos relacionados com a radiodifusão universitária e reflexão conjunta sobre as questões sociais e a radiocomunicação.

Para concretizar esses processos colaborativos, é necessário buscar a integração de outros membros às comissões existentes e às novas que vierem a ser criadas. Não só os presidentes das redes, mas os membros de cada uma delas que têm interesse e compromisso em colaborar.

As universidades a que pertencem as rádios desempenham um papel importante no fornecimento de apoio financeiro e tempo de dedicação para a realização de investigações conjuntas. Esta parte é dificultada em alguns países e/ou cidades devido a cortes no orçamento de universidades e estações de rádio universitárias. Acredito que de acordo com o tema, as redes podem obter recursos econômicos de outras fontes, como organizações e instituições governamentais, não governamentais e privadas.

A colaboração na RIU pode ser vista no apoio à realização de ciclos de formação para os membros de cada rede. Acompanhar e facilitar a inclusão de outros membros nas comissões. Embora a realização de produções conjuntas ou publicações físicas

de livros requeira financiamento, também é uma decisão e um compromisso de fazê-lo, o que implica evitar a ruptura com a linha de trabalho e mantê-la.

**Radiofonias:** Na pesquisa radiofônica, falamos muito sobre a necessidade de reforçar nossos eixos conceituais e metodológicos. Quais seriam, do seu ponto de vista, os conceitos centrais para entender o rádio contemporâneo? E quais são os maiores desafios para os pesquisadores de rádio hoje?

**Ivanova Nieto:** Acho que a reflexão deve começar com que tipo de rádio universitário queremos e para quê. O rádio universitário é o meio mais adequado para estabelecer vínculo com as comunidades e é preciso entender que o rádio contemporâneo deve fazer parte dos debates atuais (desigualdades sociais, migrações, feminicídios, violência doméstica, mudanças climáticas causadas por modelos extrativistas, situação dos direitos humanos, acesso à tecnologia etc.). Ao mesmo tempo, o desenvolvimento tecnológico exponencial permeou culturas, mudou hábitos públicos e diversificou o consumo. O rádio está na caixa que fala como em um dispositivo móvel ou em nosso computador; através de ondas de rádio, via satélite e via internet; em estações online ou em plataformas que oferecem música e som. Os podcasts estão aumentando seu consumo, sua oferta, sua especialidade e qualidade. Porém, o rádio convencional e o atual coexistem, têm seus nichos de audiência, principalmente na América Latina, o que torna mais complexos

os contextos para estudar o rádio.

O maior desafio é romper com a ideia de que a tecnologia, as redes sociais e as plataformas de difusão são os elementos mais importantes para uma produção sonora e para a gestão de uma estação. Embora seja verdade, com as aceleradas mudanças tecnológicas, o rádio também o fez e se adaptou. Ao mesmo tempo, a proposta comunicacional em relação ao tipo de interação e diálogo que se quer manter com o público continua a ser a mais relevante. A linha editorial é a aposta. A que responde à oferta musical, às indústrias culturais ou para ampliar a oferta e a escuta das pessoas?

Em muitos países, especialmente aqueles com maior desigualdade social, podemos constatar que o rádio continua sendo o meio mais acessível, o mais barato, o mais próximo porque fala ao nosso ouvido e nos acompanha em nossas rotinas.

**Radiofonias: Você percebe um avanço na pesquisa sobre rádio universitário? Como essa pesquisa dialoga com outras áreas ou subáreas?**

**Ivanova Nieto:** A pesquisa sobre rádios universitários vem sendo realizada há algum tempo, principalmente na Espanha, Argentina, Brasil e México. Acho que está se espalhando para outros países de acordo com o surgimento de novas rádios universitárias nesses territórios.

A pesquisa vai desde analisar que tipo de comunicação e rádio é concebida em uma

universidade, como dialogar com seus públicos, como as novas tecnologias mudaram os cenários de produção, distribuição e consumo de produtos sonoros e como as rádios universitárias estão inseridas nesses temas. Há também outras investigações como a importância da colaboração entre as emissoras que compõem as redes na América Latina e na Europa, a história da constituição das redes de rádios universitárias, a trajetória que as rádios universitárias tiveram em alguns países, levantamentos e registros para coleta de informações sobre a origem e fundação das rádios universitárias.

Uma abordagem importante que se leva em conta nas pesquisas sobre rádios universitárias é entender que elas são um instrumento de conexão com a sociedade, de atendimento e de participação cidadã, que possuem um perfil oposto, ou pelo menos diferente da mídia comercial e privada, e que, tendo a sua origem nas instituições de ensino superior, a sua missão está ligada à educomunicação.

**Radiofonias: Ainda falando em rádio universitário, como ele pode atuar e avançar em tempos de crise política?**

**Ivanova Nieto:** Em muitas ocasiões, crises políticas levam a ajustes orçamentários para instituições públicas de ensino superior, o que resulta em redução de recursos para as emissoras, podendo até levar ao fechamento das emissoras. É necessário considerar o tipo de crise política.

No entanto, o jornalismo investigativo,

interpretativo e envolvente aliado à criatividade nas produções de séries, notícias e opinião podem contribuir para a reflexão e contextualização da própria crise. É importante considerar que cada emissora é correspondente em seu país para as rádios que compõem outras redes, dessa forma é possível informar de forma verificada e contextualizada, em situações em que a crise é acompanhada de censura da imprensa.

Outra forma de atualizar a programação quando há ajustes econômicos é nos apoiarmos nas produções disponibilizadas pelas rádios irmãs das redes locais e da RIU. A colaboração está sempre ligada à solidariedade.

**Radiofonias:** Durante a pandemia de Covid-19, o governo equatoriano suspendeu as atividades de serviços essenciais para informar a população, como rádios universitárias. Quais desafios suas operações enfrentaram e como foi possível superá-los?

**Ivanova Nieto:** Três meses após decretar o confinamento devido à pandemia de Covid-19, o ex-presidente Lenin Moreno fechou a mídia pública, que restringiu o acesso a informações qualificadas, verificadas e de qualidade e entregou o controle de todas as informações aos meios privados. O funcionamento das rádios universitárias contribuiu para fornecer informação adequada, com fontes especializadas e com dados verificados sobre a pandemia e sobre as consequências das medidas econômicas

impostas pelo governo. A divulgação científica ajudou muito na promoção das medidas sanitárias que a população deve continuar adotando.

**Radiofonias:** No Brasil, o rádio é um meio estruturalmente sexista. Como está a situação das mulheres nas rádios do Equador e como você acha que é possível melhorar esse quadro?

**Ivanova Nieto:** O sexismo se mantém, tem havido mudanças, há o desenvolvimento de uma consciência de inclusão, de respeito, mas o sexismo ainda predomina. Nos meios de comunicação tradicionais, a objetificação das mulheres é evidente, principalmente na publicidade e na condução de programas esportivos. Por um lado, reafirmam estereótipos sexistas e, por outro, a participação da mulher como co-condutora de programas está condicionada às relações de poder, geralmente subordinadas ao seu companheiro de bancada. Porém, na área de notícias podemos ver mais inclusão.

Esta situação pode ser melhorada aplicando políticas de inclusão, de não discriminação, não só de quotas ou percentagens, mas de participação real nos cargos de decisão, com trabalho e reconhecimento iguais. Além disso, devem ser aplicados protocolos de inclusão de mulheres, etnias, grupos LGBTQIA+, não só como auxiliares, mas também como produtores para trabalhar os conteúdos com perspectiva de gênero, respeitando a cosmovisão de cada cultura e os direitos humanos em geral. É claro que essas políticas atingirão seu objetivo a longo prazo e, portanto, devem começar a ser

aplicadas o mais rápido possível.

**Radiofonias: Para terminar, você assumiu a presidência da RIU junto com Eva Lus, da Espanha, formando uma direção feminina. Como esse desafio é apresentado a vocês? Quais são as expectativas em relação ao novo rumo?**

**Ivanova Nieto:** É importante que os membros da RIU tenham apoiado duas mulheres para a liderança da Red de Redes, não porque Eva e eu estamos aqui, mas porque abre caminho para tornar visível o trabalho das mulheres que promovem tantas redes na América Latina e na Europa. Muitas das emissoras são dirigidas por mulheres e com muito bons resultados. Neste espaço procuramos valorizar todas as contribuições sem qualquer discriminação.

O desafio é grande apesar do caminho fortalecido pela diretoria anterior, que atuou por duas gestões. Com Eva Lus, decidimos fortalecer os acordos e convênios alcançados no período anterior. Buscamos que, nas comissões, como a de gênero, outros membros possam aderir, ou seja, queremos alcançar um maior apoio e um olhar diversificado em cada espaço. Também vimos a necessidade de criar novas comissões, como comunicação e estudos epistemológicos decoloniais. Esperamos poder aplicar uma pesquisa que reúna as necessidades de treinamento dos membros de cada rede pertencente à RIU e sua área de atuação. A partir disso, planejaremos um treinamento por módulos que serão desenvolvidos durante o nosso período de gestão. Manteremos a publicação semestral

e os encontros, esperando que posteriormente possamos realizá-los pessoalmente. Também buscaremos assessorar emissoras de outros países que queiram criar redes, assim nos apoiamos e nos fortalecemos. A investigação conjunta sobre vários temas relacionados com a rádio universitária é outro dos eixos que iremos levar avante, para além da troca de conteúdos e apoios específicos solicitados pelos nossos membros.

Acho que a melhor maneira de saber quais são as expectativas é ouvir os membros da RIU para saber o que eles esperam dessa nova diretriz. O desafio é grande e o nosso compromisso também.

---

### Sobre a entrevistada

**Ivanova Katherine Nieto Nasputh**, nasceu em Ambato, cidade no planalto central do Equador. Atualmente reside em Quito e trabalha na Faculdade de Comunicação Social da Universidade Central do Equador. É professora das disciplinas de Linguagem Visual e Sonora, Comunicação Sonora 2, Produção Sonora e Pesquisa Jornalística. Ela é a fundadora da Rádio Universitária da Universidade Central do Equador. Desde setembro de 2020, ocupa o cargo de presidente da Rede de Rádios Universitárias do Equador (RRUE), que reúne 14 rádios universitárias de todo o país. Em novembro de 2021, foi eleita presidente da Radio Internacional Universitaria (RIU) – Red de Redes. Também faz parte do conselho da Liga do Câncer de Mama.



É formada em Comunicação Social com especialização em Rádio pela Universidade Central do Equador. Também obteve diploma em História da Arte Equatoriana nos séculos 19 e 20 na Faculdade de Letras da Universidade Central do Equador. **Ivanova Nieto** é mestre em Estudos Culturais com ênfase em Artes e Estudos Visuais. Obteve o diploma em Culinária, Cultura e Patrimônio concedido pela ARFEY-Venezuela.

Ela tem experiência de ensino nas universidades: Central del Ecuador, San Francisco de Quito, Pontificia Universidad Católica del Ecuador e Politécnica Salesiana. Ministrou cátedras de Produção de Rádio, Comunicação Sonora, Linguagem Sonora e Visual, Apresentação de Notícias para Rádio e Televisão, Investigação Jornalística e Jornalismo Cultural. Ela orienta trabalhos de graduação e pós-graduação, em temas relacionados ao rádio ou comunicação sonora e cultura e memória.

**Ivanova Nieto** se dedica ao jornalismo cultural nas áreas de música e cozinha tradicional equatoriana. É diretora e apresentadora do programa de rádio Fuego

Sagrado, um passeio pela música mundial que é transmitido pela Rádio da Universidade Central do Equador e pela Rádio La Calle. Produz o programa audiovisual El Sabor de la Memoria que vai ao ar no primeiro trimestre de 2022. Além disso, dirigiu séries de produção sonora como: Mi Plato Favorito Podcast; Zoonosis, Un Mundo Complejo e documentários sobre direitos humanos.

Trabalhou em diversos meios de comunicação radiofônica como: Sonorama, La Clave, Rádio Quito, Rádio HCM-1, ocupando os cargos de redatora de rádio, repórter, editora de política e coordenadora de notícias. Trabalhou como correspondente da Rádio Regional de Loja. Foi roteirista de diversas produções de rádio para o Ciespal, o Unicef e a Unesco.

---

**>> Como citar este texto:**

LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. O rádio universitário como motor dos debates sociais. Entrevista: Ivanova Nieto Nasputh. Trad. Debora Cristina Lopez. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 03, p. 206-212, set./dez. 2021.